

SESSÕES DO PLENÁRIO

32ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 25 de agosto de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADA OLÍVIA SANTANA - AD HOC

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Invocando a Constituição Federal e a Constituição da Bahia, eu declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana à Sr.^a Maria Luisa Carvalho Soliani, nossa querida médica, professora e reitora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, a partir da proposição de minha autoria e aprovada, por unanimidade, nesta Casa.

Convido, para compor a Mesa, o Sr. Paulo José Bastos Barbosa, subsecretário da Saúde do Estado da Bahia, neste ato, representando o governador do estado; e o Sr. Antônio Alberto da Silva Lopes, médico e diretor na Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia. (Palmas)

Esta universidade federal obteve a nota máxima, 5, no Inep. Ontem, celebramos a notícia. Este diretor, para além da sua competência e da capacidade do mérito para ocupar o cargo, é alguém que, também, tem o mérito de marcar a história e derrubar as barreiras ao se tornar o primeiro diretor negro da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Por favor, professor. (Palmas)

Continuando, ainda para compor a Mesa, com muita honra, convido o Sr. Humberto de Castro Lima Filho, médico e vice-reitor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; a Sr.^a Ceuci Nunes, médica infectologista, presidenta da Bahiafarma e professora da Escola Bahiana de Medicina, mulher que deu uma grande contribuição à luta pela vida durante o período da pandemia do coronavírus, antes do seu controle; o Sr. Cesar Augusto de Araújo Neto, presidente da Academia de Medicina da Bahia; o Sr. Bernardo Galvão de Castro Filho, o primeiro cientista a isolar o vírus HIV no Brasil, professor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e acadêmico da Academia de Medicina da Bahia; a Sr.^a Mônica de Paula Oliveira Pires de Aragão, defensora pública e coordenadora do Núcleo de Atuação Estratégica, neste ato, representando a Sr.^a Firmiane Venâncio do Carmo Souza, defensora pública-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia; o Sr. Marcos Almeida, médico e diretor-médico, neste ato, representando o Dr. Márcio Quintiliano da Fonseca, diretor-geral do Hospital Geral do Estado da Bahia; o Sr. Jorge Cerqueira, decano do Conselho Regional de Medicina (Creneb-BA) e titular da Academia de Medicina da Bahia; a Sr.^a Rose Lima, diretora artística do Teatro Castro Alves, neste ato, representando a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia; e, finalmente, a Sr.^a Aladilce Souza, ex-vereadora da Câmara Municipal de Salvador, pessoa que me ligou e deu a ideia de fazer esta proposição,

acolhida, com muita alegria, por mim, para a concessão desta homenagem a Maria Luisa. (Palmas)

Agora, eu solicito a todas, a todos e a “todes” ficar em posição de respeito para receber a nossa homenageada de hoje, a Sr.^a Maria Luisa Carvalho Soliani, a nossa querida médica, educadora, professora e reitora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública do nosso estado, acompanhada dos seus netos Luana, Bernardo, Analu e Humberto. Por favor, venham por gentileza até a Mesa.

(A homenageada é conduzida ao Plenário.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero já agradecer à nossa afinadíssima cantora Ruiva e ao nosso maestro Ricardo Monteiro. Por favor, Ricardo, levante-se, porque as pessoas precisam te conhecer. (Palmas). Agradeço a BL Meireles e, também, a Osiris, que fazem parte do Grupo Anarkas. Muito obrigada. (Palmas)

Agora, eu peço, novamente, a todas e a todos ficar em pé para ouvirmos o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Daqui a pouquinho, teremos mais apresentações artísticas. Reitero, já, os agradecimentos.

Quero saudar e agradecer as seguintes presenças: Sr. José Bites de Carvalho, ex-reitor da Uneb e, hoje, coordenador de Programas e Projetos Estratégicos da Educação, da Secretaria da Educação do Estado da Bahia; Sr. Álvaro Gomes, ex-deputado estadual e secretário-executivo da Rede da Agenda Bahia do Trabalho Decente (ABTD), da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte; Sr. Paulo César, coordenador-adjunto da Saúde e tenente-coronel, neste ato, representando o Sr. Adson Marchesini, comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia Sr. Elias Nunes Dourado, querido amigo e pró-reitor da Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, da Uneb, neste ato, representando a Sr.^a Adriana dos Santos Marmorini Lima, reitora da Uneb; Sr. Franclim, capitão de corveta, neste ato, representando o Sr. Luiz Jacinto dos Santos Costanza, capitão de mar e guerra e diretor do Hospital Naval de Salvador; Sr.^a Andrea Ramos do Projeto Candéal da Luz, supervisora de Atendimento do Centro Médico da Bahiana, Bahiana Saúde; Sr. Estevão Toffoli Rodrigues, diretor-regional da Associação Brasileira de Educação Médica; Sr.^a Andreia Jeane Lima da Conceição, professora e representante do Projeto Candéal do Instituto Ancilas do Menino Jesus; e Dr.^a Jamile Almeida Martins, diretora do Hospital da Mulher. (Palmas)

Obrigada a todas e a todos presentes que valorizam e enriquecem ainda mais esta sessão especial.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu peço licença para fazer o uso da palavra na tribuna desta Casa, a fim de discorrer as minhas justificativas por esta homenagem.

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Bem, mais uma vez, eu saúdo este Plenário.

Não vou repetir os nomes já citados desta extensa Mesa. Valorizo e agradeço a presença de cada um e de cada uma das senhoras e dos senhores.

(Lê) “A Dr.^a Maria Luisa Carvalho Soliani, nossa querida médica, professora e magnífica reitora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, neste ato, é homenageada por esta Casa, esta Assembleia Legislativa da Bahia.

Ela nasceu paulistana, no bairro do Ipiranga, em 21 de abril de 1944. Já é um destaque nascer em uma data de feriado nacional.”

O povo diz que baiano não nasce, estreia. Ela nasceu em São Paulo. Mas não é boba. Deus livre ela de não ser baiana. Ela veio para a Bahia e fez jus a este dito popular.

(Lê) “Quero dizer que Maria Luisa é membro da nossa comunidade acadêmica da medicina, uma cidadã, mãe, empreendedora, médica psiquiatra, psicodramatista, educadora, amante das artes e gestora premiada. Ela é membro da Academia de Medicina da Bahia, ativista social, uma visionária, empreendedora autoral e baiana de coração.

Esta mulher, também, tem a inclinação nas áreas de medicina, educação e artes. Aprendeu, quando criança, a tocar piano. Portanto, embora não tenha desenvolvido a sua paixão pela música, ela manteve a sua relação com a dimensão no mundo das artes.

Entre a timidez e o desejo de transformar vidas e o mundo ao seu redor, há o paradoxo que a levou para o caminho da arte e da saúde. Na juventude, desenvolveu seu forte senso de justiça social em meio aos movimentos nos quais participou ativamente contra a ditadura militar, pós-golpe de 1964.

Também, em 2016, época do golpe contra a primeira e única mulher, na história do Brasil, a ocupar a Presidência da República, a nossa Maria Luisa manteve-se coerente e combatente, proferindo palavras reflexivas e de alerta em eventos que participou sobre o contexto político e suas consequências para o Brasil. Esteve em vários protestos de rua, defendendo a presidenta Dilma Rousseff e o seu mandato, o seu direito de chegar ao término do seu segundo mandato na Presidência da República.”

Ela não teve nenhum problema. Embora tivesse a sua presença na academia, com tantos títulos conquistados ao longo da sua vida, ela, também, foi para as ruas para dizer “Fora Temer!” e “Fica Dilma”.

(Lê) “Por alguns anos consecutivos, ela fez essa atuação, porque não poderia escolher ou se esconder entre a vida acadêmica, a condição de reitora e a condição de cidadã brasileira.

É uma exímia leitora. Mantém suas inspirações e aspirações mediadas pelo convívio com a diversidade humana impressa nas expressões artísticas, nas ciências e nos relacionamentos interpessoais.

Sua consciência cidadã catalisa e baliza suas ações, desempenhando o seu papel profissional fundamentado em valores éticos e morais, voltados para a equidade social e acolhimento à saúde física e mental das pessoas. Sua atuação é reconhecida por seus pares, por suas equipes, por seus amigos e familiares.

Em 1973, em plena ditadura militar no Brasil, formou-se em Medicina, na Faculdade de Medicina de Sorocaba. Ela foi aprovada, também, em concurso público, para residência no Departamento de Neuropsiquiatria e Psiquiatria, do Hospital das

Clínicas, da Faculdade de Medicina de São Paulo, no período de 1974 a 1976. Pós-graduada, atuou, como médica, na área de psiquiatria no Hospital Ana Nery e na Secretaria da Saúde do Estado da Bahia.

Extrapolando a abordagem, estritamente biomédica da saúde, vigente à época, em 1975. Ingressou, por meio de concurso público, no curso de psicodrama, pela Sociedade Brasileira de Psicodrama, de São Paulo, tendo concluído a formação em 1980.

A nossa Maria Luisa contribuiu para a consolidação do psicodrama no Brasil e na Bahia, nas décadas de 1980 e de 1990. Realizou congressos. Atuou como supervisora na formação de novos profissionais. Participou de inúmeras comissões organizadoras de eventos científicos, realizados em âmbito nacional e internacional.

Vale destacar que, nos biênios de 1978 a 1980 e 1980 a 1982, ela foi vice-presidenta do Centro da Sociedade de Psicodrama e, respectivamente, foi eleita presidenta da Federação Brasileira de Psicodrama.

Com competência multifuncional, ela ingressou, em 1992, como membro do conselho do Instituto Brasileiro de Oftalmologia e Prevenção da Cegueira (IBOPC) e, posteriormente, ela foi vice-presidenta do referido conselho, do qual faz parte até o momento, por meio de diversas reconduções.

A partir desta década, associou-se a diversas entidades nas áreas afins como Sociedade Bahiana de Medicina, Associação Médica Brasileira e Associação Psiquiátrica da Bahia.

Ela teve o papel propulsor de mudanças nessas instituições em que ocupou esses cargos. Em 1978, ela ingressou na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, realizando uma trajetória intensa na área da docência e da gestão. Passou pelas funções de auxiliar de ensino, professora assistente, professora adjunta do Departamento 8, nos componentes curriculares de Psiquiatria e de Psicologia Médica, perfazendo um caminho de 44 anos de consistentes realizações.”

Dr.^a Dolores, eu vejo que, também, está neste Plenário filmando, não é Dolores?

(Lê) “O convívio com os alunos e colegas, a escuta cotidiana das dificuldades enfrentadas na formação médica, a escuta de pacientes em seu consultório particular, na clínica de psicodrama, sua vivência sociopolítica e cultural diversificada, aliada ao seu desejo de mudar, o que pôde e deve ser mudado, alicerçaram a sua persona como uma gestora diferenciada e disruptiva.

Isso marcou a gestão que levou a a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, dentre outras conquistas, a receber, a partir de 2013, sete prêmios consecutivos no Great Place To Work– GPTW, como o melhor lugar para se trabalhar na Bahia.”

Desculpem, eu não falo inglês. (Palmas)

(Lê) “Nas três últimas edições, a Bahiana chegou ao primeiro lugar no ranking nacional dentre os 30 melhores lugares para trabalhar no universo de 3 mil empresas de grande porte, inscritas nacionalmente.

Em 2021, também, recebeu o prêmio GPTW Mulher.

É fato que, no período em que Maria Luísa assume maiores responsabilidades, a atuação das mulheres, no âmbito do ensino médico, meio predominantemente masculino, assim como esta casa política, exigia qualidades e competências muito definidas e sólidas para conquistar o devido respeito dos pares. Para enfrentar e diluir barreiras internas, montou equipes, assessorias capacitadas para estruturar as mudanças necessárias.

Ciente da sua responsabilidade em conduzir a transição da Bahiana para o contexto do século XXI, de forma a manter os seus valores e a sua missão assegurados, a partir do ano 2000, ela coordenou a Comissão de Atualização Curricular do curso de Medicina, fundado em 1952, responsável pela formação de 50% dos médicos e médicas na nossa Bahia, conquistando a nota máxima no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes/MEC).

Tendo nítida a vocação da instituição para a formação de profissionais de saúde em bases humanistas e com compromisso social destacado, buscou a Pedagogia e os seus fundamentos filosóficos, afirmando a educação como instrumento e meio legítimo de transformação social.

A presença de profissionais da...”

Inclusive, há a minha querida Liginha Villas Boas. Não sei se Lígia chegou? Está. Lígia era minha colega do curso de Pedagogia: ela, na Católica; eu, na Ufba. Lá, nós nos encontramos e firmamos o nosso compromisso com a educação, com a política e com os direitos das mulheres, direitos antirracistas (palmas) nos espaços de ocupação de poder desta sociedade. (Palmas) Te adoro, minha querida amiga. Amigas para sempre.

(Lê) “A presença de profissionais da Psicopedagogia no ensino em saúde era e ainda é pouco comum no ensino superior. Hoje, a Bahiana tem cerca de 20 pedagogas atuando na área acadêmica, resultado de uma visão ampliada da nossa querida reitora...”

As pedagogas agradecem. (Risos)

“(...) o que qualifica a excelência do ensino da instituição e coloca a escola em uma posição de protagonismo no que se refere aos avanços tão necessários no âmbito da formação universitária.

Durante esse processo, o binômio saúde-educação foi fortalecido. Maria Luisa criou três estruturas acadêmicas inovadoras voltadas para a atenção, o acompanhamento e a formação do docente e do discente, considerando os aspectos objetivos e subjetivos do processo ensino-aprendizagem, fortalecendo o vínculo do aluno e do professor com a escola.

Em 2006, Dra. Maria Luisa assumiu a direção da Escola Bahiana. Antes, implantou a pós-graduação, assumindo a coordenação nos primeiros anos. Estruturou a Pró-Reitoria de Ensino da Graduação e da Pós-graduação, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação e a Pró-Reitoria de Extensão. Vale ressaltar que, classificada pelo MEC como escola isolada, a Bahiana segue a estrutura de funcionamento de uma universidade, sem a obrigação de sê-la, mas o faz por decisão interna e por seu

compromisso originário de contribuir para o desenvolvimento das ciências e, por consequência, para o desenvolvimento social local, regional e nacional.

Em 2008, após a morte de Dr. Humberto de Castro Lima, coordenador-geral da Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências (FBDC), assumiu as funções de diretora-executiva e presidente do Conselho Deliberativo da FBDC, mantenedora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Na segunda década dos anos 2000, tornou-se também mestra em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; coordenadora-geral da Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências; diretora-executiva do Instituto Brasileiro de Oftalmologia e Prevenção da Cegueira (IBOPC); diretora e tesoureira da Associação Brasileira de Educação Médica (Abem), alcançando projeção nacional...”, a marca da polivalência da inteligência feminina, vale aqui destacar. (Palmas)

(Lê) “(...) Em outubro de 2013, assumiu a cadeira número 27 da Academia de Medicina da Bahia, antes ocupada por Dr. Humberto de Castro Lima, respeitando e inspirando a força do trabalho feminino. Hoje 50% do quadro de colaboradores da Bahiana é de mulheres, sendo que, nos níveis de gestão, elas representam a maioria, 54%...”, Dr.^a Ceuci.

(Lê) “(...) Na coordenadoria, o nível mais alto de cargos da instituição, as mulheres representam 70% do quadro, sendo que, no Brasil, esse indicador cai para apenas 46%...” Ou seja, a Bahiana está à frente, no país, no ranking de empoderamento de mulheres em cargos de liderança. (Palmas).

Esse é um fato que nós precisamos destacar.

(Lê) “(...) Centrada na visão estratégica da instituição, que é *‘ser uma universidade vocacionada para a saúde, referência nacional e internacional, com excelência no ensino/pesquisa, extensão e consultoria’*, em 2009 iniciou o processo de atualização do planejamento estratégico da Bahiana, implementando novas tecnologias de gestão, capacitação de docentes e colaboradores, renovação do Parque Tecnológico, estruturação de políticas acadêmicas e de gestão de pessoas, entre outras ações, com vistas a sustentar, de forma profissional, as demandas do ensino e da gestão contemporânea. Esse processo se mantém ativo e ampliado e é monitorado pelo comitê estratégico, o qual é presidido também pela reitora...”

Depois as pessoas podem passar para buscar com Mônica – Cadê Mônica? (Risos) Vou saudá-la daqui a pouco – a fórmula para tanta coisa acontecer ao mesmo tempo.

(Lê) “(...) Um dos resultados relevantes desse novo modelo...”, minha querida Marilda, nossa querida presidenta da Fiocruz Bahia, eu sempre fico muito feliz quando a vejo nos nossos atos (palmas) e agradeço a você e a toda equipe da Fiocruz...

(Intervenção fora do microfone.)

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Com todo prazer, vou lhe dar esse autógrafo aí já, já.

(...) Nós temos sempre que agradecer à ciência, agradecer à Fiocruz pela vida, pelas vidas que vocês conseguiram salvar, apesar de todo o negacionismo (palmas),

apesar de toda a truculência. Dava uma dor, Marilda, uma dor profunda, Dra. Maria Luisa, Dr. Antonio, quando a gente estava naquela peleja pela vida, uma peleja tão objetiva, com o planeta dividido entre a vida e a morte, as pessoas com síndrome de pânico, e ainda assim tinha que ver médicos e médicas apoiando a desgraça que se abateu naquela Presidência da República. Pronto, falei. (Palmas).

Eu não poderia ocupar esta tribuna sem falar sobre isso, e eu quero lhe agradecer, Maria Luisa, porque eu sou muito criteriosa nas homenagens que faço aqui. E a sua história é uma história que convence qualquer pessoa não negacionista a homenageá-la, a lhe dar esse Título de Cidadã Baiana. Saber que você é uma empresária, uma reitora da área privada, porque o mais comum é encontrar pessoas na área pública com esse senso democrático mais afirmado, Dolores...

Mas eu senti esse conforto de poder, Mônica... Cadê Mônica? Você, Mônica... Ah! Olha os dois juntos aí. Eu fui professora do filho de Mônica na Casa Via Magia. E a gente sente assim... Eu quero, nesta sessão, dar esse testemunho – sabe? – da defesa da vida. E a defesa da vida é inerente à defesa da democracia porque toda tirania nos leva à morte, à exacerbação do ódio.

Quando eu fui revisitar o que foi que aconteceu, o que levou Hitler ao poder, e eu vi tanta gente “de bem” lá, as pretensas famílias de bem apoiando o cara que marcou a humanidade por tanta atrocidade, e também tinha médicos, também tinha cientistas apoiando aquilo lá.

Portanto, o argumento elitista de que pessoas analfabetas não deveriam votar... “Votou errado porque é nordestino”, “Votou errado porque é a favelada” ... Eu me lembro da revista *Veja* colocando na sua capa a fotografia de uma trabalhadora doméstica, mulher preta como eu, porque já fui faxineira, já lavei muito vaso sanitário, já fui servente de escolinha na Pituba e no Caminho das Árvores...

Mas eu lutei muito para estudar, para entrar na universidade, um direito que a gente tem, e me tornar pedagoga, me tornar professora, e eu devo à Universidade Federal da Bahia muito, mas muito do que eu sou hoje. Mas jamais, Ana Marta, subestimei as minhas irmãs e os meus irmãos que estão nos guetos desta cidade.

Não são pessoas de sub-raças ou de subcategorias, são pessoas excluídas por um sistema socioeconômico; e quando tiranos se elevam à condição de poder, a vida dessas pessoas fica mais difícil. Eu vi aquelas coisas, gente queimando livros, jovens estudantes queimando livros na Alemanha nazista, perseguindo comunistas como eu, demonizando a nossa imagem, queimando, destruindo a vida de judeus e judias, mulheres tendo que fazer a ‘escolha de Sofia’.

Esses fatos não estão lá atrás na história. Eu sou uma marxista, e Marx nos ensinou, inclusive, que a história se repete como farsa ou como tragédia, Elias. (Palmas)...

E eu quero agradecer não só à professora Maria Luisa, que recebe esta homenagem de coração, de peito aberto nesta manhã, depois de uma sessão fatídica que nós tivemos na noite de ontem, que varou a madrugada, por isso que não há deputados aqui na Casa hoje.

Mas eu estou aqui cumprindo esta referência com muito prazer, com muito orgulho, com muita amorosidade. Eu estou fazendo esse gesto afetivo, amoroso, na direção de uma mulher que não é uma mulher negra, não é uma mulher do gueto, não vem da minha história, da história das minhas irmãs, mas o faço porque também é preciso rasgar outros mitos.

Nós que fazemos a luta contra o racismo não dividimos o Brasil, não estamos fazendo luta antibrancos e antibrancas... (Palmas) Nós estamos fazendo luta pelo nosso direito de existir, neste país, com dignidade, com igualdade de direitos, plenamente, nós não somos nem melhores, nem piores, nós somos iguais, a humanidade é lindíssima, é diversa, nós somos negras, negros, brancos, indígenas...

Os povos asiáticos têm, cada um, a sua característica, e isso é elemento de beleza. O que transforma isso em estratificação de pessoas é a discriminação, o preconceito, o racismo a serviço da manutenção do edifício do privilégio, do sistema de acumulação de poder e de capital.

Eu fico muito feliz, de alma confortada por saber que a homenageada desta manhã estabelece rupturas com essas estruturas e compreende a nossa agenda, porque não há paz com opressão, não há democracia com subjugação.

E você, Maria Luisa, compreendeu isso, é por isso que vocês fazem um trabalho de extensão tão bonito acolhendo o povo preto do Cabula, acolhendo, estabelecendo um ambulatório qualificado, decente, para receber pessoas trans que não podem chegar num hospital, chegar numa clínica e serem discriminadas com seus corpos diferentes.

Cada um é cada um, cada uma é cada uma, desde que o mundo é mundo, nem o nazismo impediu que mulheres trans existissem, quem dirá este Brasil tão deformado, com essa democracia em processo. Nós o tiramos da condição de vertigem, mas estamos afirmando-o como uma democracia plena, isso é um processo construtivo que precisa de todo mundo.

Nunca usem religião para garantir sistemas de opressão, nunca utilize a força da farda para garantir sistemas truculentos e covardes de opressão, nunca usem títulos acadêmicos para mostrar que você é melhor do que a faxineira da sua instituição. Pegue a visão! Lute pela democracia, por uma Medicina que salve vidas e que salve este país!

Parabéns, Dra. Maria Luisa, é com muito prazer, com muito orgulho que lhe concedo este Título de Cidadã Baiana de merecimento. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

(A deputada Olívia Santana reassume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero, de imediato, pedir desculpas pela extensão da minha fala, foi, de fato, muito longa, mas tem hora que a gente precisa abrir o coração, né? Não posso infartar, embora tenha muitos médicos aqui na Casa, cardiologistas, inclusive. (Risos)

Agora, com muita honra, concedo a palavra, para fazer sua saudação de 5 minutos à nossa homenageada, ao nosso médico, cientista e acadêmico da Academia de Medicina da Bahia, Dr. Bernardo Galvão.

O Sr. BERNARDO GALVÃO: (Lê) “Magnífica Reitora da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, professora Maria Luisa Carvalho Soliani, senhoras e senhores, Maria Luisa já é baiana há muito tempo, acredito mesmo que se tornou baiana quando chegou aqui há quase 50 anos, vindo de São Paulo em 1975.

Hoje a Assembleia Legislativa da Bahia, por iniciativa da deputada Olívia Santana, com a participação também de Aladilce Souza, muito apropriadamente, oficializa essa cidadania muito merecida pelas inúmeras contribuições que a nossa magnífica reitora tem prestado à Bahia, principalmente através da Escola Bahiana de Medicina. A escola, ao longo de 71 anos, se transformou, se inovou e se expandiu tornando-se uma instituição com a missão de ensino vocacionada para a área de saúde e sustentada por três pilares: ensino, pesquisa e extensão, cujo objetivo maior é formar pessoas da área de saúde com consciência cidadã.

Durante duas décadas e meia, testemunhei momentos de grandes transformações na Bahiana, constatei mudanças significativas na gestão, no planejamento e no projeto educacional implementados por Maria Luisa, que é baseado nos seguintes princípios pedagógicos: interdisciplinaridade; educação interprofissional; redução entre teoria e prática; integração entre ensino, pesquisa e extensão; e integração entre ensino, serviços e comunidades.

Já é público e notório, como nós vimos aqui hoje pela manhã, que a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública é uma referência na área de formação de recursos humanos em saúde com grandes destaques no ensino médico. Recentemente obteve a nota máxima (5) na avaliação da Capes e conquistou pela quinta vez consecutiva o título de melhor empresa para trabalhar na Bahia. A premiação é conferida a instituições que são avaliadas e reconhecidas pelos próprios funcionários como bons ou excelentes ambientes de trabalho.

Além disso, vem alcançando posições de destaque entre as grandes empresas do Brasil, chegando à 19ª colocação no ranking no ano de 2022.

Ressaltarei aqui alguns programas de extensão realizados sob a coordenação da professora Maria Luisa. A extensão tem como objetivo principal contribuir com a transformação social através de atividades científicas, culturais e prestações de serviços que promovam a interação com a sociedade e seus diferentes espaços comunitários.

Nessa área, são realizados vários programas e projetos, e infelizmente o tempo não me permite enumerá-los, mas darei alguns exemplos: Centro de Atenção às Juventudes (Caju); Centro de Práticas Integrativas e Complementares da Bahiana; Bahiana em Defesa da Vida; Rede Candeal; Cuidar Faz Bem; e Preparação Física de Atletas Adaptados (Pessoas com Deficiência Física).

Maria Luisa Carvalho Soliani é médica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fez residência em Psiquiatria no Hospital das Clínicas da USP, tendo se especializado em Psicodrama. Realizou o mestrado em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo tema da dissertação versou sobre o mal-estar na Medicina, reflexões sobre o ser e o fazer médicos, e obteve o grau de mestra no ano de 2002.

Exerceu vários cargos em diferentes instituições associativas que eu não vou citar aqui, mas o que eu queria dizer é que todo esse programa que tem sido implementado por Maria Luisa e, logicamente, por uma equipe grande de colaboradores é constantemente inovado e realizado por ela elegantemente, cordialmente e amistosamente, por essa grande mulher que é Maria Luisa Carvalho Soliani.

Maria Luisa foi e é intransigente na defesa da democracia. Duas mulheres me chamaram a atenção para a importância do Psicodrama na atuação profissional de Maria Luisa. A primeira foi minha esposa, que está aqui presente, Ana Maria Silva Galvão Castro, psicopedagoga, ex-diretora do centro de estudos de terapias integrativas, que sinaliza que a busca de um novo olhar sobre as situações críticas, com atitudes, bem como com relações afetivas e interações sociais, estão sempre no trabalho de Malu...”

Ontem, conversando com a professora Antonieta Araújo, ela me disse a mesma coisa: “Tem um papel importante na formação de Maria Luisa o Psicodrama”.

(Lê) “(...) E diz: ‘De 1984 a 1988, tive o privilégio de estudar na Sociedade de Psicodrama da Bahia, na Rua Aracaju, na Barra, onde Maria Luisa fazia parte do grupo de trabalhadores e psicoterapeutas que aprofundam os estudos e discussões na teoria de Jacob Levy Moreno.

Não havia quem ficasse imune aos escritos de Moreno, para quem a espontaneidade e a criatividade têm lugar vital na existência humana. Acredito que essa leitura do mundo forjou a nossa querida Maria Luisa numa fonte incessante de criação de si e do outro. Se ‘reconhecemos os homens pelas suas obras’, como ouvi certa vez, precisaríamos de muitas páginas para citar os seus feitos, Maria Luisa.

Por fim, ela me pede para dar um abraço carinhoso em Malu, e eu estendo este abraço carinhoso e lhe digo, de minha parte e de todos os seus amigos, de todo o pessoal da Bahiana: sinta este abraço de Antonieta como o nosso abraço em você.

Por fim, nessa cidade com um sincretismo religioso tão grande, eu lhe desejaria que todos os santos...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) que Iansã, com seu destemor, Oxum, com a sensibilidade e o amor, e Iemanjá, com a sua docilidade e acolhimento, continuem a lhe guiar neste caminho que tem sido, muitas vezes, mais fonte de grande satisfação e muito bonito de percorrer.”

Um grande abraço. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Axé! (Risos)

Bom, agradecemos aqui a fala do professor Bernardo Galvão.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós vamos convidar agora o professor Dr. Humberto de Castro Lima Filho para que ele faça uso também da palavra. Em seguida, eu peço assistência para posicionar o vídeo com depoimentos de amigas e amigos da homenageada. (Palmas)

O Sr. HUMBERTO DE CASTRO LIMA FILHO: (Lê) “Ex.^{ma} Sr.^a Olívia Santana, em nome de quem cumprimento todas as autoridades aqui presentes; Il.^{ma} Sr.^a Aladilce Souza, em nome de quem cumprimento todas as pessoas baianas de nascença e de coração; Il.^{ma} Dr.^a Ceuci Nunes e Il.^{mo} Dr. Bernardo Galvão, em nome de quem cumprimento toda a comunidade bahiana (com ‘h’); e Il.^{mo} Dr. Antonio Alberto Lopes, em nome de quem cumprimento os outros membros da Mesa e toda a comunidade acadêmica e científica do nosso estado, minhas senhoras, meus senhores, vou lhes contar um sonho que tive recentemente, pouco tempo depois de tomar conhecimento de que minha mãe seria oficialmente reconhecida como cidadã do estado da Bahia, terra que ela escolheu para viver e onde fincou raízes com profundas conexões.

No meu sonho, é uma manhã de sol agradabilíssima, provavelmente estamos no inverno soteropolitano, o sol esquenta, a brisa refresca, eu vejo uma grande área verde com um amplo gramado onde crescem e vicejam enormes mangueiras centenárias que desenham sombras sedutoras sobre a grama. Os pássaros cantam, os micos assobiam, as folhas farfalham, há vida.

Ao pé da maior mangueira, eu vejo três pessoas sentadas, conversando tranquilamente. Estou distante e não consigo reconhecer quem são, me aproximo um pouco mais sem ser notado e vejo que são dois homens brancos, magros, e uma mulher preta. Um dos homens deve ter cerca de 60 anos, usa óculos de aros redondos e ainda tem cabelos castanhos penteados para trás.

O outro é mais velho, tem uns 80, tem os cabelos prateados partidos para o lado direito, a barba bem aparada e óculos retangulares de aros muito finos, quase imperceptíveis. A mulher usa uma longa saia de chita colorida que cobre suas pernas cruzadas e desenha um círculo quase perfeito cujo eixo é seu torço feminino, forte, ereto, altivo.

Consigo ouvir algumas palavras esparsas, o tom é alegre, cordial, conversa de amigos. Percebo, ao longe, o som de um carro se aproximando lentamente. É uma Belina de cor azul, talvez verde. Noto que está carregada, com o porta-malas abarrotado de coisas até o teto. A Belina estaciona, e a motorista abre a porta, desce e caminha com um sorriso no rosto em direção ao grupo. É uma mulher alta, magra, com longos cabelos brancos, usa uma calça jeans e uma camiseta de malha. O grupo se levanta para recebê-la e cumprimentá-la, abraçá-la e beijá-la. Estão felizes.

Eles voltam a se sentar. Ela se senta ao lado do homem mais velho e repousa sua mão direita sobre o joelho esquerdo dele, que, ato contínuo, descansa a própria mão sobre a mão dela.

Eu acordo chorando, chorando de felicidade. E nos dias que se seguem, sendo filho de uma psiquiatra, de uma estudiosa da psicanálise e, ainda por cima, de uma psicodramatista, me alegro, dando sentido aos meus sentimentos e asas ao meu pensamento. Quem eram? Onde estavam? Sobre o que conversavam? Eram Anísio Teixeira, Humberto Castro Lima, Maria Felipa de Oliveira, sentados à sombra de uma das lindas mangueiras do Campus do Cabula, reunidos para comemorar a baianidade de Maria Luisa Carvalho Soliani.

Ah, como eu queria ter conseguido me aproximar mais e ouvir a sua conversa, como eu queria ter podido me sentar com vocês e escutá-los. Mas Eos, a deusa da aurora, não deixou. Tudo bem, eu consigo imaginar...

Depois dos abraços e beijos, a primeira a falar é Felipa, Maria Felipa. Ela diz assim:

- Maria, minha irmã, que alegria foi vir aqui hoje. Saí cedo de Itaparica para lhe dar meu abraço e lhe garantir que a Bahia toda se alegra com essa homenagem, em especial as mulheres baianas. Para ser baiana tem que ser ousada e corajosa. Ousadia e coragem para enfrentar as desigualdades e a injustiça social com as armas que estão ao nosso alcance. Eu tinha minha peixeira e o cansaço, mas sei que você é avessa a violência e que suas armas são outras e talvez mais potentes: o afeto e o amor. Ah, queria lhe dar uma coisa, me dê aqui a sua mão... cuidado que ela queima, mas na palma da mão não tem problema. Essa florzinha branca é a flor do cansaço. Quase ninguém sabe que o cansaço dá flor, mas veja como é bonita. Eu sei que os seus olhos conseguem ver a beleza onde muita gente só vê problemas. Continue na luta, minha irmã, com ousadia e coragem.

- Oh, Felipa, que sabedoria, que belas palavras, Malu merece cada uma delas, disse Anísio. Minha amiga, eu também queria lhe falar da minha felicidade, continuou ele. Tive que sair mais cedo ainda que Maria Felipa, afinal são mais de 600km de Caetité até aqui, mas, de novo, você merece. Que Campus lindo. Queria lhe agradecer. Vi até que a epígrafe do projeto pedagógico de um dos cursos de vocês é uma citação minha. Essa é uma escola progressiva, mas a luta entre reacionários e renovadores não vai acabar tão cedo. Aliás, acho que ela nunca vai acabar. Você sabe, eu acredito que a finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida. No fundo de todo este estudo paira a convicção de que a vida é boa e que pode ser tornada melhor. É essa filosofia que nos ensina o momento que vivemos. Educação é o processo de assegurar a continuidade do lado bom da vida e de enriquecê-lo, alargá-lo e ampliá-lo cada vez mais.

Ah, eu também tenho uma coisa para você. É um texto meu, que publiquei pela primeira vez em 1934, com o título original de Educação Progressiva: Uma Introdução à Filosofia da Educação. Acho que, passados quase 90 anos, algumas coisas mudaram, mas ainda tem muito trabalho pela frente, sempre haverá. Continuemos juntos.

- Tem muito trabalho mesmo, Anísio, disse meu pai, ainda segurando a mão de minha mãe. Mais cedo eu estava lá em Brotas, lendo Nietzsche, e sua fala me lembrou de um trecho... deixa eu achar, o livro está aqui comigo, deixa eu ver... Aqui. Nietzsche está criticando o ensino superior da Alemanha. Vejam só, um texto de 1888, aqui vai: 'Apresento de imediato as três tarefas para as quais se precisa de educadores. Deve-se aprender a ver, deve-se aprender a pensar, deve-se aprender a falar e a escrever. Nos três casos a meta é uma cultura nobre.

Aprender a ver: habituar o olho à calma, à paciência, a deixar que as coisas se aproximem, adiar o juízo. Aprender a pensar: não se tem mais noção disso em nossas escolas. Mesmo nas universidades, inclusive entre os verdadeiros eruditos da filosofia, a lógica começa a se extinguir como teoria, como prática, como ofício. Leia-se livros

alemães, nem sequer a mais remota lembrança de que para pensar se necessita de técnica, de um plano de ensino, de uma vontade de alcançar a maestria; de que pensar deve ser aprendido como se aprende a dançar, como uma espécie de dança... A dança, em todas suas formas, não pode ser descontada da educação nobre; o poder dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras, ainda é necessário que eu diga que é preciso poder fazê-lo com a pena...'

Felipa, Anísio, Maria Luísa sempre cuidou de mim, minha companheira. Discutimos muito, brigamos muito, aprendemos tanto um com outro, lutamos juntos, transformamos juntos a vida de muita gente. Juntamos nossos sonhos e nos transformamos a nós mesmos. Admiro tanto essa mulher. Obrigado, Maria Luisa. Não lhe trouxe nada além do meu amor e a certeza de que sempre estaremos de mãos dadas.

Meus amigos, minhas amigas, é um privilégio nascer na Bahia. Mas há baianos que nascem em outros lugares. Para essas pessoas, só a terra da Bahia permite que suas raízes cresçam e se espalhem e, assim, se transformem em árvores bonitas e poderosas, com frutos férteis e transformadores.

Minha mãe é uma dessas pessoas. Aqui ela criou seus filhos, e vê seus netos e netas crescerem. Aqui ela transformou a forma como se faz a educação dos profissionais de saúde. Aqui ela cuidou e continua a cuidar de tanta gente. Aqui ela continua a inspirar a tantas pessoas.

Vamos continuar a sonhar juntos. Eu já encomendei ao filho de Hipnos o sonho dessa noite...

Vou voltar para o Campus do Cabula, naquela manhã ensolarada do inverno soteropolitano. Mas agora Priscila está de mãos dadas comigo. Vou me encontrar com minha mãe e meu pai. Com Anísio e Felipa. Ah! tem umas crianças correndo em nossa direção... São Valentina, Luana, Catarina, Humberto, Analu e Bernardo. Lá vêm André, Mariana e Silvio... Olha dona Leda, Margot, Mônica, Lucas, Noelia, Jamile, Seu Júlio...

Eita, está todo mundo aqui. Vocês estão todos aqui: Lourdinha, Carol, Atson, Marta, Verônica, Geraldo, Clarckson, Rosi, Cecília, Sylvia, as Lucianas, as Luizas, quantas professoras, quantos professores, quantos estudantes, que festa... De repente aquela enorme mangueira começa a se mexer e arranca suas raízes da terra. Todos riem, se abraçam e se beijam.

É uma festa e ao fundo se houve o som do bom reggae baiano...

Ando sobre a terra

E vivo sob o sol

E as minhas raízes,

Eu balanço, eu balanço, eu balanço...

Vem me regar, mãe, vem me regar, vem me regar, mãe.

Obrigado, Dr.^a Maria Luisa. Obrigado, Malu. Obrigado, minha mãe.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Estou vendo homem chorando no Plenário. Pronto, falei também. Mas que bonito, que texto formidável. Que afago nesta manhã de sexta-feira, nesta manhã de Oxalá a gente poder ouvir coisas bonitas. Nós estamos precisando muito disso, a vida está muito árida. Nós precisamos amar e revelar nossos amores pelas pessoas que estão próximas da gente, nossas amigas, nossos amigos, nossas mães, nossos pais, enfim, nossa família. A pessoas que não são da nossa família, mas por quem a gente tem empatia, com quem a gente se identifica, a gente precisa dizer. Isso é muito importante, expressar as nossas emoções, os nossos sentimentos.

Eu peço para que seja apresentado o vídeo com depoimentos de amigas e amigos da nossa homenageada.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós é que agradecemos por todos esses depoimentos superbonitos que acabaram de ser apresentados. (Palmas)

Eu quero, com muita honra, saudar a presença de Eliana Diniz, a nossa presidenta do Instituto de Cegos; do Sr. Anderson Leite, diretor-geral da Fapesb; do Sr. Luiz Felipe Castro, presidente da Comissão de Saúde Pública da OAB, sempre presente; da nossa Dolores Fernandes, a quem aqui já fiz referência, diretora-geral do Iperba e minha amiga; do Sr. Luiz Fernando Campos Magalhães, diretor técnico do Hospital Humberto Castro Lima.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero chamar para fazer uso da palavra, uma saudação... Eu peço a todos que, agora, por favor, vamos tentar sermos o mais concisos possível, porque já está na hora de a *TV ALBA* cobrir a entrega da nossa honraria.

Eu convido, para fazer uso da palavra, a Dr.^a Ceuci Nunes, que é presidente da BahiaFarma. (Palmas)

A Sr.^a CEUCI NUNES: Gente, bom dia a todos. Eu nem sabia que eu ia falar, nem sabia que eu ia para a Mesa. Mas, assim, eu quero dizer que ser professora da Escola Bahiana de Medicina é um grande orgulho que eu tenho. E nesses anos todos eu sempre priorizei ser professora da Bahiana, mesmo que numa carga horária muito pequena, porque a Bahiana... eu fui aluna da Escola Bahiana de Medicina, me formei lá, mas a Bahiana teve uma transformação imensa, e o nome dessa transformação é Maria Luísa Soliani.

Maria Luísa é uma mulher empoderada e que traz para a Bahiana toda a humanidade, o respeito à diversidade, o amor pelo SUS. Então, isso me encanta muito, Maria Luísa. E eu estava lembrando, quando do discurso de Humbertinho, que eu fui para a sua posse na Academia de Medicina da Bahia, e foi um dos discursos mais bonitos que eu ouvi na minha vida, e olhe que eu já ouvi muito discurso.

Então, eu queria lhe dar um grande abraço, falar mais uma vez do meu orgulho, não só de você, mas da Bahiana, por essa instituição inspiradora, por esse corpo técnico, desde o pessoal da limpeza até os mais graduados, até a pós-graduação. E eu posso dizer: é uma empresa excelente para se trabalhar. Um grande abraço minha amiga. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Ceuci.
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero convidar agora, para fazer uso da palavra, a nossa ex-vereadora Aladilce Souza, que junto com Mônica, a nossa querida Mônica Marques, fez essa articulação para que a gente pudesse dar esse título.

A Sr.^a ALADILCE SOUZA: Sr.^a. Presidenta desta sessão, deputada estadual Olívia Santana, minha amiga, camarada de partido, tem um jovem poeta na Sussuarana que faz poesias belíssimas e antes dele começar a declamar, Maria Luísa, ele diz assim: “Ninguém vai sair daqui hoje do mesmo jeito que entrou.” E é o que eu estou sentindo nesta sessão. Já chorei horrores ali, eu e Fernando, e muita gente. E as palavras, Maria Luísa, inspiram tanto às pessoas que cada um que vem aqui, cada fala, tem mexido muito com as nossas emoções.

Além disso, quando eu entrei aqui eu vi a energia desse Plenário, eu comecei a ver tantos rostos familiares, conhecidos. Aqui a gente encontra, e eu sei que esse sentimento deve estar em muitos de vocês, amigos, amigas, professores, professoras – eu tenho professores aqui – e se a gente for saudar um a um com certeza vai esquecer de muita gente. Tem o meu diretor querido, Jorge Cerqueira, que foi da primeira instituição onde eu trabalhei. Tenho alunas, está ali Lurdinha, está minha outra aluninha ali querida, companheiros e companheiras de luta.

Então, Maria Luísa, você nos reúne a todos nesse momento em que, como disse a Olívia, nós estamos precisando tanto de reafirmar nossos valores, valores que a gente precisa afirmar nesse momento tão sério, tão crítico do nosso país, que teima em construir uma nação. E eu acho que momentos como esse nos ajudam muito, e nós estamos fazendo isso juntos e juntas aqui.

Então, a primeira coisa que eu queria dizer é isso, é o sentimento que nós temos aqui, essa conexão de que tudo que foi dito aqui, com certeza, vai continuar reverberando e ajudando a nos constituirmos como pessoas, como cidadãos e cidadãs, como democratas. E é nessa área da saúde que, com certeza, a gente se aproxima muito da vida, das dificuldades, das dores, dos desafios diários.

Mas eu também queria saudar essa Mesa, é uma Mesa especial, que representa muito a história, a trajetória de Maria Luísa. Eu peço desculpas por não poder saudar a todos, mas eu quero, aqui, fazer uma saudação a Dr. Jorge, como eu já falei, a Dr. Bernardo Galvão e a também minha amiga Ceuci, de muitas trajetórias de luta, Antônio Alberto, que nos deu a felicidade e alegria de festejarmos e comemorarmos o primeiro diretor negro da Escola de Medicina, e nos lembra, Dr. Jorge, a nossa militância e trabalho no velho HGV, o pronto-socorro da Bahia. E saudar a todos e todas.

Humberto, que aqui nos emocionou muito, acho que você escreveu uma pérola que precisa ser publicada, alguma coisa que é para além do que a gente espera e vê numa sessão como esta.

Mas quero, aqui, saudar a equipe do Hospital Humberto de Castro Lima nas pessoas de Mariana Soliani, a sua superintendente, saudar o quadro de professores da

Escola Baiana de Medicina nas pessoas do Dr. Bernardo Galvão e da pró-reitora Lourdes, Lourdinha, que foi minha colega no hospital, também trabalhamos no HGV, enfim, Dolores...

Eu não posso citar todas as pessoas queridas que estão aqui, mas vocês já devem perceber ter percebido a minha emoção de estar nesta sessão, a alegria, essa afetividade que toma a todos e todas nós. E, neste momento, dizer que é uma honra muito grande estar aqui e ter sugerido a Olívia... Eu gostaria de ter feito essa homenagem na Câmara Municipal, como eu previa, mas não foi possível, e Olívia abraçou, de imediato, de pronto, a ideia de fazer esta homenagem justa, merecida, necessária.

Como já foi dito aqui, acho que a biografia foi muito bem colocada para todos e todas nós aqui. Luísa nasceu em São Paulo, mas desde a década de 70 ela vem se tornando baiana. A gente se torna, nós não nascemos fulano ou beltrano. Então, ela vem se tornando baiana por ter escolhido a nossa terra para morar e constituir família, mas também pela grande contribuição profissional e social que tem dado à Bahia em diversos aspectos.

Antes de ter contato pessoalmente com Luísa, eu fui conhecer de perto uma parte da obra profissional e social que é o Hospital Humberto de Castro Lima, que sempre me chamou atenção, ali no Canela.

Eu quero saudar também Paulo Barbosa, nosso subsecretário da Saúde do Estado da Bahia.

O Canela era o local... Eu sou do interior e, desde que eu cheguei à Bahia, eu sempre circulei por ali e circulo, continuo circulando esse tempo todo. E olha que eu não sou mais tão jovem. Primeiro como estudante, moradora da Residência Universitária, na Araújo Pinho; depois, como servidora do HGV, também ali na Araújo Pinho; e depois como professora da Escola de Enfermagem da UFBA, onde estou até hoje. Então, foram muitos anos – eu morei na Federação, era pertinho dali – circulando ali e sempre me chamou a atenção o Hospital Humberto de Castro Lima. Eu entrei uma vez porque meu pai fez cirurgia lá na década de 1980. E sempre me chamou muito a atenção porque era o Ibopc e, como meu objeto de trabalho e de luta era a saúde, sempre me chamou a atenção a dificuldade que a população baiana tem de acesso à Oftalmologia e a alta prevalência de cegueira que nós temos no estado.

Então eu ficava assim meio atraída e pensava: “Eu quero entrar nesse hospital qualquer dia para conhecer as pessoas e tal...” E quis, sei lá, o destino, não, mas a história, o universo, que eu encontrasse Mônica, numa solicitação que ela me fez, e pronto. Me aproximei, fui conhecendo o hospital e me encantando com os processos, com o atendimento ao SUS, que a gente via uma fila, mas não é aquela fila que ficava igual ao Irmã Dulce, que ficava imensa, ela é uma fila que vai rápida e o número de cirurgias de catarata que se faz, o tratamento de glaucoma, enfim.

Depois, nós fizemos uma sessão na câmara para homenagear o aniversário do hospital e, lá, eu fiz questão de registrar, pela primeira vez, nos Anais da câmara, chamar atenção, divulgar para os vereadores a importância do Hospital Humberto Castro Lima e, sobretudo, chamar a atenção das autoridades, dos poderes públicos, para

a necessidade de apoiar o hospital pela importância que ele tem para o sistema de saúde, especialmente para o SUS.

Depois minha atenção foi capturada pelo reitorado de Maria Luisa, na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, que, há 70 anos, vem formando tantas gerações de médicos, enfermeiras e profissionais da área da saúde, psicólogos, enfim. Eu tenho algumas colegas que estão lá, como eu já disse, e eu comecei também a me aproximar.

E uma coisa que me chamou muito a atenção foi o ambulatório da Bahiana. Dito assim, se a gente falar rapidamente, pontuando o que tem, o ambulatório da Bahiana tem um serviço inestimável para a população da Bahia, em áreas em que a oferta é muito limitada ou inexistente para o SUS.

E a gente vai ver um centro de incontinência urinária infantil; um ambulatório de obesidade; um ambulatório de fenda palatina; um ambulatório de feridas; já foi citado aqui, o de endocrinologia para pessoas transgêneros; o centro de neurociências; o ambulatório de doenças neuromusculares, gente, algo que a gente não encontra, é a maior dificuldade encontrar no SUS. O trabalho que vocês fazem no Centro Integrativo e Multidisciplinar de Atendimento ao Portador de HTLV é uma coisa assim... Eu fiz uma sessão na câmara também, da qual o Dr. Bernardo participou, e é preciso prestar atenção a essa doença e ao sofrimento das pessoas que têm HTLV.

O ambulatório de epilepsia, o ambulatório de doenças neurovasculares, como já falei, isso tudo foi me encantando também com a Bahiana. Então, em nome do Dr. Bernardo, da enfermeira Magali, de Aidê, também enfermeira, eu quero parabenizar esse trabalho que vocês fazem lá no CHTLV. (Palmas)

Eu quero destacar, também, Fernanda Grassi, de quem eu me aproximei muito no período da pandemia, a gente fazendo o Comitê Vacina no SUS já, com grandes contribuições. Ela é uma pesquisadora, uma professora excepcional, que nos ajudou muito a discutir o tratamento de Covid-19, e foi outra surpresa muito boa da Bahiana. E são coisas que eu fui constatando, visitando com colegas, ouvindo as notícias que nos informam sobre a dimensão do trabalho de Maria Luisa Soliani, e eu fui ficando cada vez mais encantada. E Mônica disse: “Vamos! Vamos organizar esse título!” Só que não deu tempo de fazer lá na câmara, mas aqui está melhor porque é cidadã baiana mesmo que ela está se tornando e hoje recebe esse título.

E outras coisas que eu descobri lendo a história de Maria Luisa me encantaram, e me encantam: o seu gosto pelas artes; a sua área de atuação profissional, que é a saúde mental – eu sou antimanicomial e sou apaixonada, também, pela saúde mental –; a sua consciência do papel da mulher na sociedade; a sua participação nas diversas associações de classe; e a capacidade de fazer, como disse Olívia, tantas coisas importantes e de repercussão na vida das pessoas...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) tantas coisas ao mesmo tempo. Além do seu compromisso com a luta por democracia no Brasil, especialmente nos momentos mais críticos que vivemos nos últimos 60 anos. A nossa magnífica reitora é militante do Médicas e Médicos pela Democracia, minha gente!

E outra coisa que chama a atenção, eu não sei se a gente tem um selo de equidade de gênero para a gestão de hospitais, mas com certeza o Hospital Humberto Castro Lima ganharia o prêmio, pois 99,9% da gestão do hospital é de mulheres! Só tem um... (Risos) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

A Sr.^a ALADILCE SOUZA: E a Bahiana – eu já estou terminando – ganharia esse selo, se porventura existisse, para a gestão das escolas de nível superior. Já foi dito o percentual de mulheres que nós temos. Então mostra a coerência entre as coisas que ela acredita e a prática e o desenvolvimento de como ela concebe a gestão nesses espaços.

Então, para finalizar, eu queria dizer que eu considero que a outorga de um título de cidadania por uma Casa Parlamentar que representa o povo e a sua soberania, além de ser um ato de reconhecimento pela relevante contribuição que a cidadã ou o cidadão dão ao estado que outorga essa cidadania, que é o que os regimentos exigem, é também um ato de distinção a pessoas que se tornam referência de conduta e atitude para outros cidadãos e cidadãs.

Enfim, Maria Luisa Soliani...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo...

A Sr.^a ALADILCE SOUZA: (...) é um exemplo de profissional, é um exemplo de gestora, de reitora, e, principalmente, um exemplo de mulher, uma mulher excepcional, que nos inspira.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada...

A Sr.^a ALADILCE SOUZA: Parabéns, Luisa, a mais nova cidadã baiana.

Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, vereadora Aladilce, pelo seu pronunciamento.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido, imediatamente, o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Dr. Antônio Alberto da Silva Lopes, para que ele possa fazer a sua saudação.

Peço a paciência de todas e todos e peço desculpas porque algumas pessoas também estão pedindo para falar, mas a Assembleia só funciona até meio-dia, em dia de sexta-feira. Já estamos ao meio-dia e ainda não entregamos o título à nossa homenageada. Ela está louca para pegar nessa caixa! (Risos)

Professor doutor Antônio Alberto da Silva Lopes, por gentileza.

O Sr. ANTÔNIO ALBERTO DA SILVA LOPES: Bom dia. Prazer estar aqui. Olha, tranquilizo todo mundo aqui porque eu não tenho nenhum papel na mão, de forma que vai ser um discurso breve. O sininho não vai tocar, com certeza. (Risos)

É uma satisfação grande. Vejam só, assim, minha irmã estudou na Escola Bahiana de Medicina; eu passei no vestibular da Escola Bahiana de Medicina, mas passei na Federal também e fiquei na Federal, mais por uma questão econômica. Mas demorei, cheguei a fazer a matrícula e tomei trote, lá, na Bahiana também, entendeu? E tenho a imensa satisfação de ter sido professor da Bahiana e de ver a evolução da Escola Bahiana de Medicina ao longo do tempo. E a professora Maria Luisa tem um papel imenso nisso.

E, vejam só, sendo aluno da Federal, quando era estudante, eu frequentava muito a Escola Bahiana de Medicina e ela foi importante na minha formação. O professor Aníbal Silvani foi uma pessoa, assim, de extrema importância na minha formação científica. Inclusive, fui tipo um monitor voluntário com o professor Aníbal Silvani também. De forma que eu sou testemunha dessa evolução que aconteceu na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

O professor Peixinho foi uma das pessoas que eu também acho responsável por essa evolução na Escola Bahiana de Medicina, além do professor Gilson Feitosa. Tive o grande prazer de trabalhar com o professor Gilson até agora e eu acho que ele tem um papel incrível, também, nisso aqui.

E a professora Maria Luisa tem tudo isso, assim, de trazer todas essas ideias. Você vê uma pessoa incrível, com essa dimensão de conhecimento que ela tem, e traz tudo isso, realmente, para a formação médica. Vejam só vocês o que é você ser uma reitora da Escola Bahiana de Medicina, porque, no ensino médico, você tem de cuidar de várias coisas. Na verdade, falei em ensino, mas você tem de produzir conhecimento e você tem a extensão. Ou seja, você tem de levar à sociedade aquilo que é o conhecimento, naquilo que são os cuidados à saúde, não é? E a extensão realmente tem esse aspecto.

E a extensão tem a ver, também, com educação, com o próprio ensino, com levar o ensino, de modo geral, às pessoas. É também disso. E a professora Maria Luisa tem feito tudo isso muito bem. Como a Bahia ganha com ela, estando aqui na Bahia, tendo vindo, lá, do Ipiranga, não é? Ali, de juntinho, porque ela nasceu lá...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Olha, tocou! (Risos) Eu tenho a impressão de que o tempo está mais curto, pessoal, porque, sinceramente, eu não estou achando que, realmente, ultrapassei esse tempo aqui. Olha, vocês estão muito exigentes comigo! Está legal, pessoal, é bom assim, é bom que eu, como estou fazendo de improviso, aí, eu me sinto mais tranquilo. Já tocou e eu tenho, realmente, de terminar.

Mas eu acho que toda a Bahia está alegre, está muito alegre, de ter mais uma baiana com todas as características e toda a contribuição que ela, realmente, traz, não só para o ensino da Medicina, mas para a Bahia, de modo geral. E eu quero integração, viu? Eu já vi vocês e disseram que a gente tem de se integrar mais. A Faculdade de Medicina da Ufba e a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública vão trabalhar mais integradas do que sempre, agora, o.k.? O.k., pessoal.

Quem tocou o sino não fez bem, viu? O meu discurso foi curtinho. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, professor, pela sua contribuição a esta sessão simbólica e histórica.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concedo, imediatamente, a palavra ao último orador antes da homenagem da neta, o Dr. Paulo José Bastos Barbosa, representando aqui, neste ato, o Governo do Estado da Bahia.

Com a palavra, por 3 minutos, por favor.

O Sr. PAULO JOSÉ BASTOS BARBOSA: Bom dia a todos e todas, eu vou me esforçar, aqui, para não soar o apito.

Queria parabenizar a deputada Olívia pela iniciativa; queria saudar o professor Antonio Alberto, em nome de quem eu saúdo todos os colegas médicos e professores aqui presentes. E especialmente saudar a homenageada de hoje com esse título, a professora Maria Luisa Soliani. Também quero saudar toda a comunidade da Bahiana. Eu tive a oportunidade de ser graduado pela Bahiana e sou professor licenciado, agora, para assumir função pública.

Mas eu queria mesmo, em nome da secretária Roberta Santana e do governador Jerônimo Rodrigues, parabenizá-la. Quero dizer que o sentimento que se tem é que esse título é um reconhecimento, como foi visto aqui, da sua trajetória, não apenas trajetória profissional, mas a sua trajetória de vida, professora, como dito por vários colaboradores que aqui se manifestaram.

Quero dizer também que esse título honra a história dessa escola, da Escola Bahiana de Medicina, ele honra as mulheres baianas, eu tenho certeza, e, sobretudo, ele honra a Bahia. Então parabéns! Estamos muito satisfeitos com o que aconteceu aqui hoje. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Muito obrigada.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido, agora, com muita honra, a sua neta Luana, para prestar homenagem, em nome de todos os familiares. Olha a responsabilidade! (Palmas)

A Sr.^a Luana Soliani: Oi, gente! Oi, vovó! Eu estou um pouco nervosa, então desculpa qualquer coisa. Mas eu queria cantar um trecho de uma música para você. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): É uma família emotiva. Ah, que fofa!

Eu solicito à assessoria que solte o vídeo da família para completar esse momento de carinho e de expressão de sentimento dos familiares.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada! Que sessão bonita, não é? Que sessão amorosa! Eu estou toda orgulhosa desta sessão. E quem não gostar, “lá ele” mesmo, não é? (Risos)

Peço agora a todas e todos que fiquem de pé, pois nós concederemos o tão esperado Título de Cidadã Baiana.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido o seu filho Humberto, os seus netos, Bernardo e Humberto, as suas netas Analu e Luana, a irmã Margarida e o genro, Silvio Junior. Por favor, venham todos, rapidamente, para fazermos essa cena bonita da entrega do Título de Cidadã Baiana.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): (Lê) “A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia confere à Dra. Maria Luisa Carvalho Soliani, o Título de Cidadã Baiana, conforme a Resolução nº 2.106/2023. Projeto de autoria da deputada Olívia Santana.

Salvador, 25 de agosto de 2023.

Deputado Adolfo Menezes, presidente; deputado Marcelinho Veiga, primeiro-secretário; deputado Samuel Junior, segundo-secretário.” (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido agora, com muita honra, para fazer os seus agradecimentos, a Dr.^a Maria Luisa Carvalho Soliani, homenageada desta manhã. (Palmas)

A Sr.^a MARIA LUISA CARVALHO SOLIANI: Eu quero dar um bom dia a todos. Bom dia! Eu não vou dar um bom dia especial à Mesa. Eu não vou nominar ninguém, vocês me perdoem, porque eu gostaria de nominar cada um, todos que estão aqui, e é impossível. Mas eu sinto vocês todos em uma mesma categoria, a de amigos e amigas, companheiros e companheiras, de trabalho e de vida.

(Lê) “Quero começar agradecendo a todos vocês que saíram do conforto de suas vidas e vieram, nesta manhã de 25 de agosto, compartilhar comigo a alegria, e – por que não dizer, também – a inquietação com este título que acabo de receber e que me faz uma orgulhosa cidadã baiana de direito, a partir de agora.

Minha gratidão especial a Olívia Santana, que acolheu meu nome e o propôs a esta Assembleia. Gratidão também à professora Aladilce, minha fada madrinha, que eu nem sabia que tinha. Gratidão a minha irmã, Margot Soliani, e a minha cunhada, Mônica Marques, que tramaram, silenciosamente, nos bastidores, para que este momento se concretizasse.

Preciso dizer a vocês que meu primeiro sentimento, minha primeira reação quando soube, ainda no ano passado, foi de susto. Recebi uma mensagem de minha querida Sara, coordenadora jurídica da FBDC, me dando os parabéns pelo título. Ela tinha visto no Diário Oficial. Eu não entendi como isso tinha acontecido, pensei que fosse um engano, mas estava lá escrito. Era eu mesma. Levei um bom tempo, quase o dia todo, para entender como isso havia acontecido. Desfeito o mistério e passado o

susto, meu coração feliz e emocionado descansou, e aí abriu-se uma brecha para a minha racionalidade, às vezes implacável, que me perguntou: - Mas será que você merece?

Desde então, tenho tentado responder a mim mesma, revendo minha história de quase 48 anos na Bahia, pois cheguei em outubro de 1975, com uma linda bebê nos braços, Mariana, que completava 2 meses naquele dia, vestida num macacãozinho amarelo, e um menino lindo, muito falante e traquinas de 3 anos, chamado André, que nasceu, para minha alegria, no dia 2 de julho. Andei lembrando de fatos, acontecimentos, recordando de pessoas que encontrei pelo caminho, reavivando sonhos e emoções, num turbilhão de sentimentos.

E, na medida que minha vida ia desfilando pela minha memória, em alguns momentos achei que merecia, em outros, achei que não. Estou com 74 anos, portanto, quase 2/3 da minha vida foram vividos aqui. Cheguei de São Paulo, logo depois de ter terminado minha residência em psiquiatria na USP. Estava casada, tinha 2 filhos pequenos e recebi minha primeira oferta de emprego. Vim no rastro de minha mãe, Leda Carvalho Soliani, uma mulher incrível, forte, corajosa, inteligente, batalhadora, antenada com o mundo, que ficou viúva muito jovem, aos 30 anos, e em condições muito difíceis, com 2 filhas pequenas para criar. Naquela época, ela havia se apaixonado por um baiano e casado com ele, largando tudo em São Paulo e vindo morar na cidade da Bahia. Ali, comecei a desconfiar de que os baianos eram irresistíveis.

Aqui, tive meu primeiro emprego, no sanatório Ana Nery, na Lapinha. E depois no Mario Leal, no IAPI. Aqui montei meu primeiro consultório. Aqui terminei minha formação como psicodramatista e fui uma das fundadoras da SOPSBA - Sociedade de Psicodrama da Bahia. Fui conhecendo gente, criando laços profissionais e pessoais, e gostando - Romélia Santos, Antonio Carlos Costa, Silvia Bloise, Mario Almeida...e fui ficando. Me separei. José Paulo, meu marido, quis ir embora e eu quis ficar. Não brigamos. E fomos amigos a vida toda.

Conheci mais gente, toquei a vida e, um belo dia, Humberto de Castro Lima surgiu em minha casa de forma inesperada, trazido por uma amiga com quem havia combinado um jantar, e, como já tinha pressentido, por conta do ocorrido com minha mãe, nos apaixonamos, nos casamos e tivemos um outro filho, Humberto, nosso Beto. Eu digo outro, porque ele também, a essa altura, já se sentia e era mais um pai de Mariana e André, que cresceu e virou economista, jornalista, amante dos livros, inquieto e contestador, trazendo para a Bahiana, depois de muitas andanças, sua capacidade de inovar e de buscar caminhos ainda não trilhados. As crianças adoravam Humberto, que sabia como ninguém contar “causos” e inventar estórias. Havia uma linda, do caranguejo azul da Ilha de Itaparica: ele era um baiano irresistível.

Fizemos muitas coisas juntos. E com ele, aprendi inúmeras coisas, dentre elas falar em público, até de improviso. Ficava fascinada como ele conseguia. Ele, desinibido, e eu, um poço profundo de timidez.

Pude acompanhá-lo durante muitos anos na gestão do Ibopc, que mantém o Hospital Humberto Castro Lima, como membro do Conselho e também na direção, pude observá-lo e admirá-lo como médico, capaz de criar a relação médico paciente

mais bonita que eu já vi. Acho que Humberto Filho, médico neurologista e professor de fisiologia, apesar dos nossos vão esforços para que não quisesse ser médico, se parece muito com ele, é amado por seus pacientes e alunos, tornou-se um educador e pegou o gosto pela gestão. Depois que Humberto pai se foi, em 2008, conseguimos manter o seu sonho vivo, continuando oferecer à população que mais precisa, um serviço de oftalmologia de excelência, tendo à frente, como superintendente, nossa filha Mariana. Humberto sempre dizia que ela seria uma grande administradora. Ninguém acreditava nisso, nem ela, que deu voltas e voltas, fez publicidade, teatro, produção e afirmava com toda ênfase que nunca trabalharia dentro de um escritório fechado. No final, ele tinha razão.

Com Humberto também aprendi como ser professor é prazeroso e como quem não tem talento, como ele tinha, precisa aprender a ser. Eu o vi planejando suas aulas e preparando os slides, que naquela época eram mesmo slides, dispostos em um carrossel e passados por um projetor. Seu sobrinho, Guilherme de Castro Lima, também oftalmologista e ainda hoje professor da EBMSP, o ajudava. É claro que, com Humberto, veio sua família, sua querida irmã Cesarina, mãe de Guilherme e de Jerusa, semióloga renomada e conhecedora profunda do medievo enraizado nas histórias e no linguajar nordestino. Seu cunhado Celso, de Feira de Santana. E com ele, as histórias de Feira de Santana. E, também, para minha surpresa, a descoberta do racismo entre os próprios negros. Orlando de Castro Lima, seu irmão otorrinolaringologista, diretor da EBMSP, e grande colecionador de obras de arte sacra de marfim, veio junto com sua filha, a poeta Mirian Fraga, diretora da Casa de Jorge Amado. Alberto, o irmão advogado empreendedor, que havia criado o *Jornal da Bahia*, me ajudou a descobrir a beleza da Festa de Iemanjá. Seu irmão Hugo, médico de Conquista, e, então as histórias de Conquista e Ipiaú e do golpe de 64. Evandro de Castro Lima, o grande carnavalesco, e com ele as histórias do Colégio Marista, onde estudavam, e a fantástica D. Leonor, mãe desta prole de nove filhos que não conheci, mas sempre acho que a conheci e que somos parecidas e que nos amamos à primeira vista. Esta mulher que, no começo do século passado, já estava muito à frente de seu tempo e que sempre teve a clareza de que Evandro precisava ser respeitado como ele era e que ela devia ser mais cuidadosa com ele do que com os outros filhos, porque ele precisava mais dela, por conta do preconceito que havia e ainda há. A história de Leonor, minha sogra, me fez conhecer um pouco mais da história da Bahia e do Brasil, da Proclamação da República, pois seu tio-avô, por quem fora criada, tinha sido o primeiro governador da Bahia, por um curto período” de tempo. “E vovó Minervina, mãe de Cesar, pai de Humberto e marido de Leonor, que tinha tido escravas e era casada com um homem muito mais jovem, me fez entender melhor a escravidão e as consequências da abolição feita daquela forma. Ainda havia as histórias do bairro do Canela, da Península de Itapagipe, do Terreiro de Jesus e da Faculdade de Medicina da Bahia, dos governadores e políticos da terra, tornadas vividas por causa dos personagens e do talento de Humberto para contá-las. Elas me impregnaram de Bahia.

As viagens que fizemos quando decidimos comprar uma fazenda nos levaram pela Bahia afora, com André a tiracolo, pois era o maiorzinho” dos três. “Estradas precárias, lugares impensáveis, caatingas, rios, morros e pequenos povoados passaram

a povoar meus sonhos e desejos. Escolhemos, depois de muita estrada, São Gonçalo dos Campos, onde estamos até hoje, implantando uma agrofloresta. E aí me vem à lembrança a BR 116, que tinha uma só pista, e todo o trabalho para sua duplicação. Era uma aventura chegar. E houve uma fazenda no São Francisco, perto de Ibotirama, quando ainda não havia ponte e se atravessava aquele rio enorme de balsa. Só jipe conseguia chegar na época da cheia. E os fins de semana na Praia do Forte, também em estrada de terra, sem ponte, com a balsa impulsionada por uma longa vara. Só havia casinhas dos pescadores e o farol, e era lá que uma senhora, cujo nome não me lembro” – mas de cujo tempero me lembro – “cozinhas e nos servia uma comida maravilhosa.

A descoberta da Chapada Diamantina começou por Lençóis, acho que em 1978. Fomos Humberto e eu convidados por um casal de amigos” muito queridos: Sílvia e Flávio. Só havia um hotel na praça, muito precário. A cidade estava em franco processo de decadência, mas não era difícil imaginar como tinha sido linda e importante. Ficamos numa casa emprestada, sem móveis e dormíamos em colchões no chão. Para comer só havia um restaurante, no mercado. À noite, a luz vinha de um motor que tinha horário para ser desligado. Mas era São João. As casas estavam iluminadas, com as portas abertas e as pessoas nas calçadas conversando e tomando licor, as crianças correndo e soltando fogos. Descobri nesse dia o licor de jenipapo, que se tornou o meu preferido. Às 9 horas de relógio, sem nenhum aviso, pois esse era o horário do desligamento, as luzes se apagaram e a maravilha se deu. A grande rua, ao lado do rio, estava toda iluminada pelas fogueiras e o céu coalhado de balões. Era São João. São João na Bahia.

Acho que foi assim que a Bahia foi entrando em mim. Aos poucos, lentamente, sem que eu percebesse. Me fazendo querer morar na Ribeira. Ter uma casinha na beira do Paraguaçu, em Cachoeira. Viver em Igatu, no meio das pedras e das cachoeiras e das histórias de coronéis e garimpeiros.

Também foi em 1978, em agosto de 1978, que eu entrei na EBMS, como professora auxiliar da disciplina de Psiquiatria. Encontrei lá uma liberdade, que devo ao professor Norival Sampaio, para dar minhas aulas práticas da forma que eu achasse melhor. E então achei meu jeito de ser professora, usando minhas habilidades de psicodramatista.

Na Bahiana, também tive a oportunidade de ocupar cargos de gestão e a liberdade e o apoio de Humberto, então Coordenador Geral, para implementar algumas ideias pouco convencionais numa escola de saúde, pois, havia entendido, na medida em que ia trabalhando com meus alunos, que, para melhorar a qualidade do ensino que oferecíamos, para formar profissionais mais humanos, sujeitos a menos sofrimento e adoecimentos durante o período de formação e depois na sua vida profissional, era preciso mudar a maneira como os professores entendiam o seu papel, as metodologias que usavam, as avaliações que faziam, era preciso criar um currículo com componentes mais integrados e interdisciplinares, que fizessem mais sentido, que estivessem ancorados em práticas iniciadas mais precocemente. Era preciso que a subjetividade, a maneira de ser de cada aluno e professor, fosse levada em consideração e tivesse um lugar para se expressar dentro da escola. E aí vieram os pedagogos e psicopedagogos, os psicólogos e psiquiatras e criamos o NAPP, com minha amiga de fé Mônica Daltro,

e o NUSP, com os queridos companheiros Luisa Cardoso, Narciso e Jucinara. E continuamos até hoje, agora sem Humberto, que nos deixou em 2008, ...” continuamos até hoje (...) “esse trabalho contínuo de construção de um lugar onde as pessoas gostam de estudar e de trabalhar, um lugar onde as pessoas cuidam umas das outras, um lugar onde a diversidade é incentivada e as pessoas são respeitadas em suas diferenças, onde a luta contra o racismo, a homofobia, a misoginia, o fascismo, o etarismo, o capacitismo, a violência faz parte do cotidiano. Um lugar onde todos ensinam e aprendem, e se desenvolvem como profissionais e pessoas, uma verdadeira comunidade de aprendizagem, que inclui os estudantes e os colaboradores, sejam eles da área acadêmica ou da área técnico-administrativa.

Na medida em que escrevo, vou me dando conta, que nestes longos anos, vi muita coisa se transformar na Bahia. E isso só aconteceu, porque um dia decidi ficar. Confesso, tive rompantes de ir embora algumas vezes, poucas, mas tive. Mas sempre acabei desistindo, até que um dia não quis ir mais. Cheguei aos 28 anos e vi e vivi as coisas boas e as coisas ruins, as transformações para melhor e para pior, as contradições, os paradoxos, as lindezas e as feiuras, a violência e a amorosidade, a arte e a cultura, o desencanto e o encantamento desta terra.

Nela criei meus filhos, os vi crescer e florescer, sair para outras terras e voltar. Todos absolutamente baianos, mesmo os que aqui não nasceram, mas foram para cá transplantados muito pequenos. E se alguém quiser comprar uma boa briga com eles, duvidem de que não sejam baianos. Eu não faria isso.

Hoje são adultos, e eu me orgulho das pessoas que se tornaram. Casaram e a família ganhou mais dois baianos de muitas histórias, Priscila e Silvio. Só André, mais andarilho, foi buscar Juliana no Planalto Central. Três netos nasceram aqui, Luana, Analu e Bernardo. Humbertinho nasceu em São Paulo e foi transplantado com 1 mês. E diz que é baiano, sem dúvida alguma, e fica zangado se você disser que não. Valentina e Catarina nasceram em Brasília e lá vivem, mas a Bahia é parte de suas vidas e de suas férias e têm certeza de que o pai é baiano e de que aqui têm raízes.

Senhoras e senhores.

Preciso dizer, agora que me aproximo do final, que continuo sem saber responder se mereço ou não esta honraria. Mas chego aqui, neste ponto da minha fala, achando que nunca vou ter a resposta.

E ela não me importa mais, pois, merecendo ou não, me dou conta, ao contar a minha história, que sou baiana mesmo que não quisesse, mesmo que não mereça.

Sou baiana há muito tempo. Vocês vão me perguntar: desde quando? Não sei precisar. Mas vou tentar, viu? Acho que desde que farol passou a ser sinaleira, mosquito virou muriçoca, borrachudo se tornou maruim, estepe virou socorro. Desde que Sexta-feira Santa ficou muito mais importante que o Domingo de Páscoa, e, na minha casa, não pode faltar feijão de leite como D. Leonor fazia, reproduzido fielmente pelas minhas amigas e escudeiras Noélia e Jamile. Desde que São João virou feriado e eu nunca mais tentei marcar uma consulta ou uma reunião nesse dia. Rapaz, acho que desde quando eu entendi que reunião agendada para 8 horas só começa às 8h30min e que não tem por que ficar de calundu. E descobri que tem 8 horas de relógio e 8 horas

sem ser de relógio. E que na padaria não tem pão francês, só cacetinho. E que D. Nelma, minha amiga e secretária, é a única pessoa insubstituível do planeta, pois só uma baiana da gema seria capaz de fazer Humberto, que vivia com a cabeça nos projetos e sonhos, não perder as chaves, a carteira, os óculos, as pastas, os documentos. E o paletó. E que a independência do Brasil, de verdade, não foi na base do grito, mas teve muita luta, um barril dobrado, com índios, negros livres e escravizados, brancos”, caboclos, “homens e mulheres, ricos e pobres expulsando os portugueses da nossa terra. Desde quando, ouvindo os primeiros acordes do Hino ao Dois de Julho, eu comecei a chorar de emoção e de orgulho pela coragem e a garra de nosso povo. E senti vontade de ajudar nas lutas, ainda tão necessárias, para diminuir as desigualdades, injustiças e iniquidades que por aqui campeiam. Desde quando, com medo da volta da ditadura, fui para as ruas e me encontrei, entre irmãos e irmãs, lutando pela democracia. Sei não, mas acho que desde que adquiri a convicção de que Caetano, Gil, Gal Costa e Bethânia são meus conterrâneos ou, quem sabe, desde quando minha querida amiga e parceira Luiza Ribeiro me ensinou que o melhor do dia 2 de fevereiro é a alvorada.

Sendo assim, mesmo sem saber direito se mereço, aceito com grande alegria e emoção este título de cidadã baiana. Mas quero dividi-lo com todas as centenas de pessoas que me fizeram ser quem sou, que me ajudaram e continuam me ajudando, cada uma de seu jeito, cada uma a seu tempo, a crescer, a amadurecer e, agora, a envelhecer, ainda cheia de esperança de que seremos capazes de juntos construir um mundo melhor. Acho que não vou vê-lo. Mas não importa, ando fazendo a minha parte e apostando nos nossos filhos e filhas, netos e netas e bisnetos e bisnetas que virão.

Aqui vou terminar minha história, e não é sem tempo. Sei que foi longa e sou grata a todos e todas pela escuta atenta. Afinal, contei aos senhores sobre 48 anos de construção de uma baianidade que temia não ser aceita ou não ser legítima. Mas isso acabou. De hoje em diante, quando me fizerem aquela pergunta inevitável: Da onde você é? Vou responder com um sorriso largo, com um certo ar de superioridade e sem pestanejar dizer:

‘Deus me livre de não ser baiana.’ (Palmas)

Obrigada, muito obrigada!”

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTE (Olívia Santana): Peço, agora, para o encerramento desta sessão eu peço ao coral da Bahiana que possa fazer a sua apresentação, o Coral Canta Bahiana, sob a regência do nosso querido maestro Carlos Veiga.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a Jeniff Silva: Boa tarde.

Bem, somos da Anarkas. Muito prazer, eu sou a Ruiva. Temos, aqui, no violão, BL (palmas) e, no violino, o nosso querido Osiris. (palmas)

Queremos parabenizar a nossa homenageada, Maria Luísa Soliani. Ficamos muito satisfeitos em saber do nosso gosto pelo jazz e pelo blues, que nós amamos bastante.

Também queria agradecer à deputada, Olívia Santana: Muito obrigada pelo carinho e pela oportunidade de estarmos aqui hoje. Somos estudantes de escola pública. Então, viva a escola pública! (Palmas). Viva!

Quem puder, segue a gente no instagram: @anarkasoficial, seremos muito gratos.

E viva a escola pública! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Colégio Lomanto Junior.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Declaro encerrada, com muita beleza, com muita afetividade, esta sessão inesquecível.

Muito obrigada, a cada uma de vocês, que estiveram, aqui, honrando esses laços femininos, feministas, pela democracia, pelo amor à vida. É assim que nós somos.

Muito obrigada.

Eu convido vocês para um pequeno coquetel, na hora do almoço (risos), aqui, no salão ao lado.

Obrigada.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.